

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

---

PENEDO: A FORMAÇÃO DE UMA COLÔNIA UTÓPICA FILANDESA, EM 1929, NO ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO

Sergio Moraes Rego Fagerlande (PROURB-UFRJ)

## **Penedo: A Formação de Uma Colônia Utópica Finlandesa, em 1929, no Estado do Rio de Janeiro.**

O trabalho propõe apresentar o caso da formação de Penedo, colônia finlandesa criada em 1929 por um grupo de finlandeses vegetarianos, que tinha a intenção de estabelecer numa fazenda do interior do Rio de Janeiro uma comunidade inspirada em ideais utópicos. A partir do modelo da Utopia criado por Thomas More, e conceituado por Choay (1985a), apresentamos alguns exemplos de utopias urbanas, chegando aos conceitos estabelecidos por Moncan (2003a), e Freitag (2002a) para definir as principais características das utopias urbanas, e a partir delas analisar Penedo e sua formação inicial. Dessa maneira pretendemos demonstrar como essa colônia se insere no conjunto de casos de utopias urbanas brasileiras, apesar de aparentemente ainda não ter sido citada em estudos anteriores, na área da história do urbanismo. Ao se pesquisar o tema das utopias urbanas no Brasil não aparece o caso de Penedo, somente em estudos de autores finlandeses. Dessa maneira o trabalho pretende ser uma contribuição para o estudo da história urbana brasileira, dentro de um panorama da formação de núcleos urbanos que tinham propostas alternativas de sociedade.

## 1 – Introdução

Esse trabalho pretende estudar o caso da colônia finlandesa de Penedo, que foi criada em 1929, numa fazenda situada no município de Resende, interior do estado do Rio de Janeiro, por um pequeno grupo de finlandeses vegetarianos. A intenção era ter uma comunidade inspirada em ideais utópicos, como a propriedade coletiva da terra, e que todos vivessem daquilo que plantassem e colhessem. A vida natural era um dos principais objetivos do grupo, que vinha de um país frio buscando o contato maior com o sol e a vida ao ar livre.



Foto da Casa Grande em 1929, o morro chamado Penedo ao fundo, e o vale à direita  
Foto de Jaako Jämsä  
Fonte Coleção Sergio Fagerlande

Os ideais do grupo foram inspirados em conceitos que nos fizeram buscar a idéia inicial da Utopia de Thomas More. Para estudar os exemplos voltados ao espaço urbano foi importante o conceito que Choay (1985b) estabeleceu em seu livro, *A Regra e o Modelo*. Diversos autores nos mostram exemplos de outros assentamentos urbanos que seguiram o modelo estabelecido por More, inicialmente na literatura chamada de utópica, dos séculos XVI e XVII, e depois os chamados socialistas utópicos, nos séculos XVIII e XIX, como Fourier, Cabet e Owen, que nos deram exemplos de como transformar as suas utopias em realidade, apesar de nem sempre com sucesso.

Essas cidades utópicas, com exemplos importantes nos EUA, demonstram o caráter universal dessas idéias, pois observamos casos mesmo em colônias de países como a Finlândia, que teve algumas experiências, e também no Brasil.

O estudo das colônias utópicas finlandesas, especialmente na Argentina e Canadá, pode servir para avaliar a extensão dos ideais de mudança da sociedade finlandesa naquele momento, e de como o movimento migratório fazia parte disso.

No Brasil, tivemos poucos exemplos de assentamento utópicos, mas parece importante pensá-los no contexto mundial dessas experiências, e verificar como isso aconteceu, mesmo

em pequena escala, no país. Casos como o Falanstério do Saí, a Colônia Cecília ou mesmo a Canudos de Conselheiro mostram como fazemos parte da história desse movimento. Parece interessante analisar as suas características, dentro de quadro mais completo da questão. Também parece importante verificar que os estudos dessas experiências no Brasil, mesmo já tendo sido exploradas por autores como Teixeira Coelho (1985a) e Freitag (2002b), não mencionam o caso de Penedo como colônia utópica.

Estudando diversos exemplos de cidades utópicas buscamos verificar as características que elas têm em comum, o que encontramos em textos de Moncan (2003b) e Freitag (2002c), onde são apresentados de maneira mais esquemática os principais itens que demonstram as especificidades desses assentamentos urbanos utópicos. Através da análise de cada uma dessas características, pretendemos verificar como isso se aplica ao caso de Penedo, buscando verificar se realmente foi um exemplo de colônia utópica.

## 2 - As Utopias Urbanas

A idéia de colônia utópica nos remete à idéia de utopia urbana. Utopia, palavra criada por More em 1516 a partir de raízes gregas, sugere duas formas: *Outopus*, a mais tradicional, que conjuga *ou*, do grego nenhum mais *topos*, do grego, lugar e uma outra maneira de entendimento vinda de *eutopos*, junção de *eu*, do grego bom, com *topos*, lugar (MADONNA-DESBAZEILLE, 2006, p.243) (CHOAY, 2005a, p. 928). Dessa maneira, poderia ser tanto o bom lugar como lugar nenhum, lugar inexistente. Desde então o termo utopia está presente na história do mundo, remetendo basicamente ao espaço da cidade, sempre ligado ao lugar de sonhos do ser humano. Apesar de autores como Mumford (2004) nos mostrarem que a cidade sonhada, a utopia, sempre esteve presente desde o início da concepção da cidade, ela surge com mais força a partir de More.

Quando More criou a ilha com esse nome, ele criou sua capital Amaurota, como modelo de cidade. Choay nos mostra como esse foi o modelo que influenciou e continua a influenciar o urbanismo. Esse modelo urbano, inspirado nas idéias de Platão<sup>1</sup>, estabeleceu a sociedade ideal, sem desigualdades, onde todos seriam felizes. Algo que sempre existiu na história da humanidade, fossem modelos seculares ou religiosos, desde a cidade celeste de Santo Agostinho, mas More espacializou o tema, e lhe deu nome (FIORATO, 2006, p.49).

A partir da criação do termo, esse passou a ser um tema bastante presente na literatura, com obras como *Civitas soli- Cidade do Sol*, de Tommaso Campanella (1602/1603), *Mondi celesti... de Doni*, (1552); *De Eudemonensium republica* de Stiblin (1555); *Rei publicae Christianopolitanae descriptio* de Andreae (1619), *Nova Atlântida* de Bacon (1603) (CHOAY,

2005b, p. 929), onde a criação de cidades ideais seguia diversos caminhos, sempre estabelecendo uma crítica à uma sociedade preexistente e propondo novos modelos, sempre ligados à idéia de cidade como eixo de transformação de uma sociedade. Foram modelos que apesar de não ultrapassarem as páginas dos livros, influíram na imaginação e nos futuros modelos que viriam depois<sup>2</sup>.

### 3 – Os Socialistas Utópicos

A partir do final do século XVIII, e principalmente no início do século XIX, pensadores como Saint Simon (Claude Henry de Rouvroy, conde de; 1760-1825), Charles Fourier (1772-1830), Étienne Cabet (1788-1856) e Robert Owen (1771-1858) iniciaram um processo que fez surgir novas iniciativas em relação às cidades. Foram idéias para transformação da sociedade, bastante voltadas para a mudança dos centros urbanos. A cidade a partir da industrialização adquirira novos usos, e deixara de ser um lugar de convivência harmônica, passando a ser um local pouco saudável, comparável por alguns a cloacas. A observação desses problemas e tentativas de solucioná-los passou a ser ligado a pensadores voltados para as questões sociais.

Chamados mais tarde de socialistas utópicos, eram pessoas que pensavam que ao se mudar as cidades, estas transformariam a vida de seus habitantes, e que seriam disseminadoras dessas mudanças. Não tinham um projeto de revolução social, como Marx mais tarde criaria, mas idéias muitas vezes capitalistas, para melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Seria essa a maior crítica de Marx a eles, ao chamar seus projetos de utópicos, e que não ajudariam a transformar realmente a sociedade burguesa. De qualquer maneira, suas idéias foram importantes para um processo de transformação da sociedade do século XIX.

Fourier, em sua obra “A Harmonia universal e o Falanstério” (1848) preconizava mudanças sociais instrumentalizadas através de suas “falanges”. Um grupo de 2000 a 3000 pessoas formaria uma sociedade. Um grande edifício, o Falanstério, abrigaria essas pessoas. Seria o palácio do povo, a exemplo dos grandes palácios franceses. Segundo Freitag (2002d, p.8), ele se inspirou nas falanges de Felipe da Macedônia, que seriam capazes de se infiltrarem entre seus inimigos e vencê-los. Da mesma maneira, as falanges fourieristas reestruturariam a sociedade.

Uma organização de trabalho rígida era parte do controle que seria estabelecido sobre as pessoas. Os Falanstérios poderiam se localizar em áreas rurais, e aqueles camponeses que não quisessem habitar o palácio poderiam ter suas casas em volta. Além das casas,

manufaturas e fábricas circundariam o edifício, todos ligados por galerias e avenidas. As atividades sociais, coletivas e religiosas seriam realizadas no palácio do povo, que seria o centro da comunidade.

Freitag mostra que Fourier, apesar de não conseguir colocar em prática suas idéias, teve seguidores que tiveram êxito em seus projetos. André Godin (1817-1888) criou em 1859 o Familistério de Guise, no norte da França, experiência que durou até 1968 com sucesso. Outro seguidor de Fourier, o médico homeopata francês Benoit Mure criou o Falanstério do Saí em Santa Catarina, Brasil, em 1842, experiência que durou três anos, mas acabou resultando em fracasso. Outras experiências de seguidores de Fourier, especialmente Victor Considerant, foram realizadas nos EUA (GUARNERI, 2006, p.112).

Étienne Cabet foi outro escritor francês que, com seu livro “Voyage em Icarie” (1840), buscou criar uma sociedade igualitária. Seu projeto não era somente literário, mas de criar comunidades onde se viveria de maneira igualitária.

Em 1848, não obtendo êxito na França, Cabet organizou um grupo para criar uma comunidade nos EUA, onde ele pensava ser mais viável continuar com suas idéias, longe do velho mundo. O local originalmente pensado para a colônia era o Texas, mas o lugar tornou-se inviável. Acabaram por fundar a cidade de Nauvoo, no Illinois, em 1849, experiência que durou até 1856. Outras comunidades prosseguiram com seus ideais, até o ano de 1898, quando se desfizeram completamente (FOURN, 2006, p.34).

Robert Owen foi outro importante personagem no movimento de criação de alternativas utópicas. Esse industrial inglês pretendia mudar a sociedade em que vivia, pois imaginava que melhores condições de vida resultariam em melhor produção, e mais ganhos para todos. Precursor do socialismo inglês, ele tentou implantar suas idéias realizando melhorias em suas fábricas em New Lanark, Escócia.

Não conseguindo realizar todos seus projetos na Europa, Owen adquiriu terras nos EUA, criando o projeto de uma cidade baseada em seus ideais de igualdade e educação para todos. New Harmony, de 1824, teve curta duração e dificuldades para ser implantada, mas é considerada por autores como Reys (1980a, p.282) como a primeira experiência utópica secular nos EUA.

A maior parte dessas experiências utópicas buscava o novo mundo, onde se pensava ser mais fácil a criação de uma nova sociedade. Desde a descoberta da América, o novo continente mexeu com a imaginação dos europeus, que pensavam ser possível naquele novo espaço a criação do paraíso terrestre. O vasto território a ser ocupado, e o grande incentivo a imigração foram outros elementos favoráveis ao processo. Ao estudar a formação das cidades

americanas, Reys (1980b, p. 264) nos mostra como existiram diversas experiências de cidades formadas por reformadores e utópicos, fossem religiosos ou seculares. Mesmo sendo em pequeno número, se compararmos com a quantidade de cidades formadas naquele país, Reys nos diz que a presença de ideais utópicos foi importante, e que deveria guiar os planejadores de novas cidades.

#### 4 - Experiências Utópicas no Brasil

Na América Latina, tivemos alguns exemplos de utopias urbanas, como as tentativas de criação da França Antártica por Coligny em 1555, na região onde seria fundado depois o Rio de Janeiro (REPS, 1980b, p.264) e as Missões Jesuíticas implantadas no sul do Brasil, Paraguai e Argentina (BÉLIGAN, 2006, p.155). Foram experiências dentro de um processo de ocupação de um território por potências coloniais, que nem sempre podem ser consideradas utópicas. O Brasil aparece ligado à idéia de utopia desde sua criação, podendo o texto de More ter relação com os escritos de Vesúcio sobre a descoberta do novo mundo, acontecida pouco antes (PEREIRA, 1992, p.15).

Mais tarde, acompanhando as idéias internacionais que circulavam no século XIX, o Brasil foi palco de algumas experiências utópicas, com exemplos como o Falanstério do Saí, criado por Benoit Mure em Santa Catarina em 1842 e inspirado nas idéias de Fourier (RIBEIRO, 2006, p.4), a Colônia Cecília, criada por Giovanni Rossi no Paraná entre 1890 e 1894, baseado em idéias anarquistas (MELLO NETO, 1998, p. 210), e a formação de Canudos, fundada na Bahia, por Antônio Conselheiro, entre 1893 e 1897, assentamento com inspiração messiânica, nesse caso diferente dos demais por não se tratar de colônia estrangeira (GALVÃO, 2002). Teixeira Coelho (1985b) ainda cita outras experiências, como a Colônia Vapa, em Assis, SP, nos anos 30, e o Quilombo dos Palmares, em Alagoas, no século XVII.

Cada um desses exemplos difere um pouco entre si. O Falanstério do Saí, inspirado diretamente nas idéias de Fourier, teve apoio oficial para sua implantação, dentro de um processo de colonização do sul brasileiro. As idéias trazidas por Mure buscavam o desenvolvimento de uma comunidade de franceses em Santa Catarina, em terras doadas pelo governo. As dificuldades encontradas fizeram a experiência ter curta duração.

O exemplo da Colônia Cecília, no Paraná foi de um assentamento de teor anarquista, formado por italianos que criaram uma comunidade agrícola e onde a propriedade era coletiva. Também foi outro exemplo de insucesso, sobretudo pelo preconceito existente com relação às idéias anarquistas.

Casos como Canudos de Conselheiro ou o Quilombo de Palmares parecem estar mais ligados à história dos movimentos populares no Brasil, pois são exemplos de comunidades onde os seus integrantes não eram imigrantes europeus, situação diferente das demais.

Dentro desse conjunto de experiências temos o caso de Penedo. Sendo uma colônia de origem estrangeira, e com ideais de vida coletiva, também parece ser um exemplo de colônia utópica. Sua caracterização dentro desse conjunto não aparece em obras de autores brasileiros, somente em autores finlandeses, especialmente Peltoniemi (1987a) que estudou sua história, sem se deter nas características urbanas do local, mais interessado no conjunto de experiências utópicas dos finlandeses em diferentes lugares do mundo.

## 5 - A formação de Penedo

Ao estudar a formação de Penedo, buscamos as influências de outras colônias finlandesas também consideradas utópicas do mesmo período. Peltoniemi (1987b) nos fala de outras experiências semelhantes, em que finlandeses estabeleceram colônias em diversos lugares. As mais significativas foram as de Sointula no Canadá, de 1900, e a Colônia Finlandesa na Argentina, de 1906. Essas experiências eram partes de um amplo movimento migratório daquele país nórdico, que tinha como principal alvo a América, especialmente a do Norte<sup>3</sup>. Dentro desse movimento, as colônias utópicas foram especialmente interessantes, pois as pessoas não tinham somente vontade de mudar de país, mas também de participar da construção de uma nova sociedade. Havia projetos de mudança de mundo, de que a sociedade fosse igualitária, enfim, diversas motivações que iam do socialismo, ao vegetarianismo, razões religiosas ou mesmo pessoas que queriam ganhar dinheiro, mudando de vida. Essas propostas incluíam a necessidade de sair da Europa, do velho mundo, e ir para a América, o novo mundo.

Dentro desse quadro, surgiu a idéia da criação de Penedo. A formação de uma colônia finlandesa no Brasil foi o resultado do desejo de um pequeno grupo de jovens idealistas vegetarianos que pretendiam viver do que plantassem, em harmonia com a natureza. Em 1927 Toivo Uuskallio, um agrônomo finlandês, recebeu um “chamado” divino para ir para o sul, e lá criar uma nova sociedade<sup>4</sup>. Formou um pequeno grupo, e vieram para o Brasil, onde compraram uma antiga fazenda de café arruinada em 1929, e ali iniciaram a implantação de seu projeto comunitário (FAGERLANDE, 1998a).





Foto navio SS Cordoba - 16-06-29 / terceiro grupo  
Fonte da foto: Penedo – Colônia Finlandesa no Brasil. Clube  
Finlândia e Associação Finlândia – Brasil. 2002.  
p.6.

As idéias de Uuskallio eram de formar uma comunidade onde todos viveriam do que plantassem e colhessem, totalmente vegetarianos, e voltados para celebração da vida natural. A religião, mesmo sendo todos protestantes, não era o elemento mais importante, pois pensavam que o essencial era a vida natural, onde Deus se faria presente. O lugar escolhido foi importante para isso, pois se trata de um vale, na base das montanhas de Itatiaia, e com um rio que se espraia pela planície<sup>5</sup>.



Grupo de finlandeses trabalhando no laranjal-1929  
Foto: Toivo Asikainen  
Fonte Coleção Sergio Fagerlande

As terras permaneceriam coletivas, e havia um projeto habitacional que regulava a implantação da colônia. Dentro desse projeto, foram feitas vias e as primeiras casas, em 1929. De maneira geral, as pessoas que chegavam se instalavam num casarão, que era o centro da coletividade. Era lá que aconteciam os eventos sociais, como casamentos, festejos e reuniões filosóficas, culturais e esportivas. As atividades eram planejadas para que todos nelas atuassem, com a distribuição dos trabalhos e serviços de maneira que houvesse igualdade de participação. Essa era a base da comunidade: a igualdade. As pessoas que vieram, de maneira geral, eram de classe média e tinham a disposição de enfrentar as dificuldades para alcançar suas metas de um sonho tropical e de uma vida mais justa e igualitária. A agricultura seria a base tanto da produção econômica quanto da própria alimentação dos participantes do empreendimento.

Não foi fácil viver da maneira proposta. As condições eram bastante difíceis, as terras não eram apropriadas para o cultivo, além de o Brasil requerer técnicas de cultivo bastante diversas das conhecidas pelos finlandeses. A falta de apoio oficial foi outro fator de grande desgaste. A iniciativa tinha somente o apoio de setores do movimento social e da igreja, com ajuda para a divulgação do projeto na Finlândia, onde diversas campanhas financeiras foram feitas para auxiliar os penedenses. A experiência durou de 1929 até 1942, quando razões econômicas culminaram com o fim da colônia, e a venda de grande parte da fazenda. O sonho comunitário veio abaixo, mas as raízes permaneceram, e Penedo se transformou, tornando-se um centro turístico, aproveitando a tradição de hospedagem que havia se estabelecido durante o período utópico, e que permanece até hoje.

Para estudar a história de Penedo e de sua formação urbana, temos utilizado relatos de fundadores da colônia (HILDÉN, 1989), mapas e fotografias antigas, além de estudos de alguns autores finlandeses, como Peltoniemi (1987c), Koivukangas (1998) e Melkas (1999), que vem estudando a história da imigração finlandesa e de Penedo. São estudos e relatos importantes sob o aspecto histórico, mas que não tem o foco na formação urbana.

Ao pesquisar sobre as utopias urbanas no Brasil, verificamos não haver nenhuma citação a respeito de Penedo. Mesmo autores como Teixeira Coelho (1985a) ou Freitag (2002d), que descrevem diversas experiências utópicas no Brasil, não mencionam o caso de Penedo. Esse desconhecimento nos incentivou a escrever sobre o tema, e também a ter preocupação de apresentar evidências de que Penedo seria de fato uma experiência utópica.

## 6 - Características das Utopias Urbanas

Partindo de uma análise de modelos de utopias urbanas através da história, Moncan (2003b, p.10) e Freitag (2002e, p.3) conceituaram as características das cidades utópicas.

A primeira característica é o isolamento, citando exemplos de Atlântida, Utopia e o Falanstério, exemplos de ilhas ou lugares distantes. Dessa maneira, sempre se trata de lugares que estão destacados da sociedade preexistente, buscando o novo através também de um novo lugar a ser ocupado.

A segunda característica é com relação ao tamanho ideal, com exemplos do Falanstério de Fourier com 3.000 habitantes, a cidade-jardim de Howard com 30.000 habitantes ou a Ville Radieuse de Le Corbusier com 3 milhões de habitantes. Sempre há uma preocupação de limitar o número de habitantes, dentro de parâmetros específicos. Parece tratar-se de uma maneira de estabelecer um melhor controle sobre seu desenvolvimento, sem tornar o lugar inviável em termos urbanos.

A terceira característica é com relação ao local, que deve ser plano, sem relevo, possibilitando futura expansão. Dessa maneira, os projetos poderiam ser mais racionais.

Uma quarta característica é ter linhas e ângulos retos, em suas ruas e prédios. São vários os exemplos disso, desde a Cidade do Sol, da Campanella, com seus eixos cardeais, e também as cidades utópicas nos EUA, como Salt Lake City, formada pelos mórmons. A questão da racionalidade parece novamente ser um dos componentes dessa característica.

Outra característica é com relação à tolerância religiosa e filosófica. Mesmo quando se trata de experiências com diretrizes religiosas, as comunidades costumam ter certo nível de tolerância, dentro do que propõem para a participação nesses assentamentos.

A sexta característica se refere à propriedade. De maneira geral, sempre se buscou a propriedade comum, com uso coletivo da terra e das propriedades. Mesmo que não se tenha obtido isso em todos os modelos, sempre foi um objetivo a ser alcançado em comunidades utópicas.

## 7 – Análise das Características de Penedo

No intuito de demonstrar que Penedo teria sido uma colônia utópica, propomos analisar as suas características, comparando-as com as citadas por Moncan e Freitag, descritas acima.

Com relação ao isolamento, podemos verificar a localização da Fazenda Penedo. Distante sete horas de trem do Rio de Janeiro, numa área rural do então município de Resende, RJ, os finlandeses pareciam ter a intenção de criar sua comunidade em lugar afastado de grandes centros e permanecer isolados. Para eles, estar no Brasil daquele momento já era um grande isolamento, pois além da distância física de seu país de origem, ainda havia as diferenças culturais e de língua que os isolavam ainda mais.

No caso de Penedo, o tamanho ideal aparece na limitação com relação ao número de habitantes que se apresenta no Plano Habitacional, onde o número de lotes, 250 unidades, estabeleceu limites para o número de habitantes (FAGERLANDE, 1998b), e ainda é citada a dificuldade de se aumentar o número de habitantes, sem um controle prévio. Para se migrar para Penedo, havia um questionário a ser respondido, e dessa maneira era feita uma seleção daqueles que pretendiam participar do empreendimento (PENNANEN, 1929a).

A característica de ser um local plano é atendida no caso de Penedo. Situada junto às montanhas, grande parte da fazenda situava-se em vasta planície. Esta parte plana foi ocupada inicialmente, sendo a implantação das residências planejada para se situar junto às áreas de cultivo. Cada residência teria seu lote de cultivo, além de um lote de floresta, isolado deste.

Pennanen (1929b, p.7), ao descrever a situação existente em 1929, fala da possibilidade de comprar outras fazendas vizinhas, e assim expandir a colônia. Fazia parte do projeto dos finlandeses criar condições de atrair mais compatriotas, aumentando assim a área ocupada inicialmente.

A característica de ter linhas e ângulos retos, em suas ruas e prédios também parece ter sido atendida no caso de Penedo ao se verificar que a primeira via a ser construída pelos finlandeses, dentro do que Uuskallio propunha, era uma grande reta ligando a sede da fazenda à estação de trem, principal ligação entre Penedo e o Rio de Janeiro (VALTONEN, 1998a). Essa reta foi parcialmente implantada, sendo atualmente a principal rua do lugar, a Av das Mangueiras. Ela não conseguiu ser completada totalmente devido a problemas com a transposição do rio, mas a idéia da reta ficou. Somente nos trechos acima da sede, onde o vale é estreito, as vias seguem o relevo. Além disso, as casas do projeto inicial, e que tiveram algumas unidades construídas, eram todas quadradas, divididas em quatro partes iguais, certamente dentro de uma racionalidade condizente com essa característica<sup>6</sup>.



Casa Lehtola – 1929  
Foto Toivo Asikainen  
Fonte Coleção Sergio Fagerlande

Com relação à tolerância religiosa e filosófica, essa é uma das características mais facilmente identificáveis na formação de Penedo. Apesar de terem um vínculo religioso, num sentido mais amplo e filosófico, não fazia parte do plano urbano de Penedo a construção de templos. Dessa maneira, com os cultos sendo feitos em locais de encontros comunitários, inicialmente no Casarão sede da fazenda e depois no Clube Finlândia, se mantinha a idéia de liberdade, onde cada um poderia ter sua própria religião, ou mesmo nenhuma. Havia certamente uma ênfase na implantação de uma sociedade vegetariana, que inclusive fazia parte das questões colocadas no Projeto Habitacional, mas com respeito às convicções individuais, com amplos debates a respeito de tudo, inclusive sobre religião e questões filosóficas.

Com relação à sexta característica, que se refere à propriedade, no caso de Penedo, efetivamente houve a propriedade comunitária da fazenda entre os anos de 1929 e 1942. As casas também começaram a ser construídas para cada uma das famílias dos participantes, mas

seu uso era sempre com um sentido de coletividade. Assim, quando alguma casa ficava desocupada, por motivo de viagem do morador, sendo comum as pessoas voltarem para a Finlândia por períodos longos, outras pessoas eram autorizadas a habitarem a casa vazia (VALTONEN, 1998b). Parecia natural essa convivência, pois ao chegarem a Penedo as pessoas ficavam durante bastante tempo na Casa Grande, antiga sede da fazenda. Inclusive as refeições eram realizadas em refeitório servido por cozinha coletiva, como se fosse um grande Falanstério. Realmente, a idéia de um grande Falanstério, com um “palácio“ central cercado de residências de camponeses é uma imagem que parece se aplicar no caso de Penedo<sup>7</sup>.



Grupo de ginástica, em frente ao casarão -1931  
Foto Toivo Asikainen  
Fonte Coleção Sergio Fagerlande



Grupo na cozinha do Casarão - 1930  
Foto: Jaako Jämsä  
Fonte Coleção Sergio Fagerlande

## 8 – Considerações Finais

O estudo das experiências utópicas no Brasil ainda é assunto a ser mais explorado, sendo cada caso merecedor de análises mais detalhadas, especialmente com relação à formação urbana desses lugares. A maneira como cada experiência teve seu desenvolvimento, e de como isso ocorreu não somente pela sua história, mas principalmente enquanto assentamento urbano parece merecer mais aprofundamento.

Utilizando as características encontradas em diversos exemplos de cidades utópicas, tanto no Brasil como em diversos países, notadamente nos EUA, pudemos estabelecer uma comparação entre esses modelos de utopias urbanas e o caso de formação de Penedo. As características de Penedo, encontradas em análises de livros, mapas e fotografias, nos permitiram traçar suas características, e formar esse quadro comparativo.

Dessa maneira, pudemos verificar como o caso da formação de Penedo parece se encaixar dentro desse conjunto de características das demais utopias urbanas, para dessa maneira possivelmente se juntar aos demais exemplos de comunidades de origem utópica no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉLIGAN, N. Missions Jésuites. In RIOT-SARCEY, M., BOUCHET, T. E PICON, A. Dictionnaire des Utopies, 2<sup>o</sup> edição. Paris: Larousse, 2006.

CHOAY, F. A Regra e o Modelo: sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

\_\_\_\_\_. O Urbanismo: Utopias e realidades – uma antologia. 5<sup>o</sup> edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. Utopie. In MERLIN, P. e CHOAY, F. Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement. Paris: Quadrige, 2005.

FAGERLANDE, A. A Aventura de Penedo: A Família Bertell. s.n.:Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. Fazenda Penedo: Uma colônia finlandesa no Brasil. s.n.: Rio de Janeiro, 1998.

FOURN, F. Cabet. In RIOT-SARCEY, M., BOUCHET, T. E PICON, A. Dictionnaire des Utopies, 2<sup>o</sup> edição. Paris: Larousse, 2006.

FREITAG, B. Utopias Urbanas. Conferência apresentada no X Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, realizado entre 3 e 7 de setembro de 2002, em Fortaleza. Disponível em: <[www.unb.br/ics/sol/itinerancias/grupo/barbara/utopias.pdf](http://www.unb.br/ics/sol/itinerancias/grupo/barbara/utopias.pdf)>. Acesso em 05 de set. de 2006.

GALVÃO, W. N. O Império do Belo Monte. Vida e morte de Canudos. 1<sup>o</sup> reimpressão 1<sup>o</sup> edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

GUARNERI, C.J. Fourieristes américains. In RIOT-SARCEY, M., BOUCHET, T. E PICON, A. Dictionnaire des Utopies, 2<sup>o</sup> edição. Paris: Larousse, 2006.

HILDÉN, Eva. A saga de Penedo – A história da Colônia Finlandesa no Brasil. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira Editora, 1989.

KOIVUKANGAS, Olavi. Kaukomaiden Kaipu – Suomalaiset Afrikassa, Australiassa, Uudessa-Seelannissa já Latinalaisessa Amerikassa. Turku: Siirtolaisuusinstituutti, 1998.

MELLO NETO, C. O Anarquismo Experimental de Giovanni Rossi (de Poggio al Mare à Colônia Cecília). 2<sup>o</sup> ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 1998.

MADONNA-DESBAZEILLE, M. Utopia. In RIOT-SARCEY, M., BOUCHET, T. E PICON, A. Dictionnaire des Utopies, 2ª edição. Paris: Larousse, 2006.

MELKAS, Eevaleena. Kaikkoavat paratiisit. Suomalaisten siirtokuntien aatteellinen tausta ja perustamisvaiheet Brasiliassa ja Dominikaanisessa tasavallassa n. 1925 – 1932. Turku: Sirtolaisuusinstituutti, 1999.

MORUS, T. A Utopia ou O Tratado da Melhor Forma de Governo. Tradução de Paulo Neves. L & PM: Porto Alegre, 1997.

MONCAN, P. Villes Utopiques, Villes Revées. Les Éditions deu Mécène: Paris, 2003.

MUMFORD, L. A Cidade na História, suas transformações e perspectivas. Martins Fontes: São Paulo, 2004.

PELTONIEMI, T. Kohti Parempaa maailmaa. Em busca de um mundo melhor. Tradução de Alva Fagerlande. Edição original: Helsinki: Otava, 1986.

\_\_\_\_\_. American Settlements in North America. Disponível em: <[www.sosiomedia.fi/utopia/na\\_settlements.pdf](http://www.sosiomedia.fi/utopia/na_settlements.pdf)>. Acesso em 10 de abr. 2006.

PENNANEN, H. D. Fazenda Penedo: Suomalainen maanviljestelystila Brasiliassa. Fazenda Penedo: Um estabelecimento agrícola finlandês no Brasil. Tradução de Alva Fagerlande. Edição original: Tampere: Työkaansan Kirjapaino, 1929.

PEREIRA, M. A Ação dos Jesuítas no Brasil Colonial e o Imaginário Europeu sobre o Novo Mundo. Em A Forma e a Imagem. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 1992.

REPS, J. Town Planning in Frontier America. Columbia: University of Missouri Press, 1980.

TEIXEIRA COELHO, J. O que é Utopia. Coleção Primeiros Passos, 47. São Paulo: Abril Cultural: Editora Brasiliense, 1985.

UUSKALLIO, T. Matkala Kohti Tropiikin Taikaa Na viagem em direção à magia do trópico. Tradução de Alva Fagerlande. Edição original: Helsinki: Otava, 1929.

VALTONEN, N. Sonho do Paraíso: Acontecimentos dos finlandeses no Brasil. Penedo: Editora Gráfica do Patronato, 1998.



---

<sup>1</sup> As idéias de sociedade ideal surgem em diversos textos de Platão, como Diálogos, Crítias e Timeu.

<sup>2</sup> O termo Utopia ultrapassa a questão urbana, sendo utilizado em diversas áreas do conhecimento humano. Para maiores informações, ver RIOT SARCEY, M, BOUCHET, T E PICON, A. Dictionnaire des Utopies. Paris: Larousse, 2006.

<sup>3</sup> Houve outras experiências utópicas finlandesas na América. É o caso de Viljavakka, na República Dominicana, Colonia Villa Alborado, no Paraguai, Itabo Ponnistus, em Cuba, além de fazendas comunitárias nos EUA.

<sup>4</sup> O livro que Uuskaalio escreveu tem o título de Na viagem em direção à magia do tropico, que enuncia perfeitamente seu encantamento com a possibilidade de criar uma colônia em região tropical, mágica para ele.

<sup>5</sup> Para a escolha do lugar certamente influenciou a presença de europeus na região, como os alemães em Itatiaia e Mauá.

<sup>6</sup> No ano de 1929, primeiro ano da colônia, foi iniciada a construção de seis residências. Dessa somente quatro foram finalizadas, e ainda existem três parcialmente modificadas.

<sup>7</sup> No Projeto habitacional aparece a possibilidade de habitar no casarão até que fosse possível construir residências próprias.